

A viagem e a redescoberta da lógica na psicanálise

Daniel Delouya

Silva Junior, Nelson da, *Linguagens e pensamento: A lógica na razão e na desrazão*. São Paulo: Casa do Psicólogo (Coleção Clínica Psicanalítica), 2007. 142 p.

O psicanalista, o professor e o profícuo autor, Nelson da Silva Junior, é um apaixonado pelo estudo, um curioso de vários campos de saber; empreende viagens freqüentemente; passeia e se encanta pelos lugares e modos de vida que encontra nas terras que visita... Reservado que o homem é, pouco se sabe de seus encantamentos, do impacto que ele sofre dos belos objetos, de suas aventuras... Entretanto, os vestígios dessas transparecem quando resolve nos brindar com um relato com o propósito claro e definido, numa escrita erudita, porém econômica, precisa, destilada e densa que assim se ordena porque está a serviço de um objetivo do qual jamais se desvia. O relato, porém, apesar da aparência, não é relatório sobre algo tipo “estágio feito no exterior”... não! Ele resulta de uma verdadeira viagem da qual são trazidos objetos, ensinamentos que o autor nos transmite de continentes da literatura, filosofia e arte, onde visitou Pessoa, Shakespeare, Heidegger, a terra dos hermenutas e o bairro e os aposentos de amigos como Juliano Pessanha e Odilon Morais – de todos, ou de quase todos, ele deriva um ganho para nós, lançando uma luz sobre o fazer e a situação analítica, sua estrutura, seus meios, a ação e posição do analista, sua eficácia etc.

A viagem para o “exterior” que ilumina, mesmo que por alguns instantes, o estrangeiro na nossa esfera familiar – *Unheimliche* – é autofigurativo da análise: o paciente narra de seu “exterior”, de seus encontros com outros, com a vida, e logo é reportado para o estranho que reside nele, em seu familiar. Porém, na análise, assim como no discurso sobre a psicanálise e seu saber e prática, corre-se, hoje, o perigo de emigrar para o “exterior”, e de se assimilar nele, servindo a supressão, o recalque, a cisão e a rejeição do estranho, da “outra cena” que nos habita. A psicanálise tende, assim, a se dissolver nos sofisticados *shoppings* dos discursos contemporâneos. O analista, quando devidamente equipado, resiste a esta atraente chamada de fuga, de emigração, preservando seu objeto. Nelson resiste às vozes dessas sereias que se multiplicam hoje, cercando-nos a cada esquina. Preservação evidente neste último relato de viagem que pretende chamar nossa atenção para uma determinada lógica que habita o próprio método e trabalho da análise, assim como o substrato das formações inconscientes. Este é o alvo do seu livro

que, originalmente, foi redigido como tese de livre-docência. Porém, como disse acima, essa resulta da viagem em outros continentes. Por isso, nem Lacan e nem Bion – e tampouco as respectivas “crias”, Matte Blanco e Major – que buscavam traçar as possíveis lógicas no trabalho analítico e no inconsciente, são contemplados nesta obra.

Inicialmente, Nelson acompanha o nascimento da lógica na filosofia para logo situá-la e associá-la às estruturas das linguagens naturais nas quais a sintaxe é uma forma depurada do arranjo lógico, demandando, em razão de sua função, o esclarecimento sobre seus liames com a semântica, os signos desta e seus referentes às *coisas* do mundo, da “realidade”. A partir daí, o grau lógico cresce, acentua-se nas linguagens científicas devido à organização das últimas em sistemas hipotético-dedutivos. Que as ciências compõem a ordem das linguagens, já que se derivam, pela sua estrutura, de linguagens naturais, é o mote central da obra de G. G. Granger, amplamente citada e explanada no livro. Em seguida, Nelson convoca Chomsky a ocupar a ante-sala da obra de Piaget, instalando os constituintes da linguagem nos “olhos da mente”: Chomsky obriga pressupor uma capacitação inata da generatividade da linguagem (em função das estruturas lógicas que a subtendem), como propriedade do cérebro e da alma humana; Piaget acompanha, e detalhadamente, no regime cognitivo e “psíquico”, segundo nosso autor, o desenvolvimento dessas habilidades de pensar, isto é, da percepção e do julgamento.

Neste trajeto em que a linguagem e a lógica se implantam no arcabouço genético, sendo acionadas pelo meio para fazer operar a razão, o leitor adquire uma série de conceitos claramente definidos tais como a inferência, as implicações significante e significativa, a necessidade, a imagística, os credos, etc. O passo seguinte visa o encontro desses elementos, pela analogia, no domínio da des-razão psiquiátrica, na psicopatologia psicanalítica, no sintoma neurótico, na metapsicologia freudiana e no método psicanalítico.

Empreitada essa que se desenrola, desta vez em nosso recinto, para compor a segunda parte do livro. O leitor, o colega psicanalista, encontrará, aqui, um refinado desenvolvimento, iniciando-se com a psiquiatria, para logo, através do símbolo mnêmico (conceito freudiano que data desde

1892) chegar à *Negativa* (Freud, 1925) – perpassando, no meio de caminho, a organização do sintoma, a associação livre, etc. – para desenhar no interior da psicopatologia e metapsicologia freudianas uma lógica digna de nota. No entanto, a lógica depurada, a sintática, análoga àquela compreendida das ciências, Nelson a descobre na reforma da associação livre, ou de sua deturpação, que André Green desvela na posição fóbica central, ao passo que a versão “neurótica” freudiana da associação livre, se restringe, segundo nosso viajante, em um modelo semântico. A descoberta de Green é reforçada pelas duas e belas ilustrações clínicas do nosso autor.

Entretanto, parece-me que os casos-limite serviram apenas de ocasião para colocar em evidência o modelo sintático desde sempre presente em Freud. Afinal, é do *Projeto de uma psicologia* que Green o deriva. Embora elaborasse a dimensão dinâmica da organização lógica (Freud) do material mnêmico – descrita no último capítulo d’*Os estudos sobre a histeria* – em oposição às organizações estáticas, cronológica e concêntrica –, Nelson limita tal sintaxe ao sintoma e sua sobre-determinação sem enxergar sua revelação, por Freud, no interior da transferência e da psicoterapia, como ocorre no Green. No *Projeto...*, texto do mesmo ano, Freud define o aparelho psíquico como memória a serviço de re-aprendizagem (neste “poder de efetividade contínua de uma vivência”), dando-se como uma sintaxe, já que ela “apresenta-se através das diferenças nas facilitações entre os neurônios psi”. A idéia de que as relações, ou seja, a sintaxe precede e condiciona a semântica de significados isolados – a última permeia a visão popular da psicanálise (“o que significa um charuto?”) – já foi concebida em 1891 nas *Concepções sobre a afasia*. Quero apenas reforçar o aporte de Nelson lembrando que o modelo dito sintático é de Freud e que foi aos poucos resgatado, tomando plena força pela psicanálise pós-freudiana, de Ferenczi, Lacan, Fairbairn a Winnicott e Bion, justamente em função das demandas clínicas que lançaram luz sobre o arquipélago psíquico da vida psíquica. Daí a força dessa grande proposta do livro de Nelson em insistir sobre a determinação lógica na psicanálise como instrumento essencial da elucidação de nosso campo, nossa ação e nossa eficácia clínica.

Para finalizar este estímulo à leitura deste belo relato de viagem e os serviços que nos presta, mais dois comentários. O primeiro, pessoal: dentre as várias viagens, a última, a julgar pelo relato, não é das mais encantadoras, embora conservasse a marca de refinamento costumeiro do autor. Acredito que isso se deve a uma pressa, que nos surpreende, no convite que Nelson faz a Piaget para instrumentar nosso ofício. Realidade, experiência física, percepção, entre outras noções de Piaget são adotados com pouca crítica quando aceitos como meios de construção psíquica. O leitor merecia receber deste nosso cuidadoso autor uma exposição mais nuançada, nos mostrando, se é que dá para demonstrar, os liames das noções piagetianas com as freudianas, da pulsão,

da fantasia, do auto-erotismo e da representação. Trata-se apenas de uma pedida que não encontramos neste novo “guia” que resultou desta viagem.

O segundo comentário se refere a uma abertura, neste livro, para uma nova tradição em nosso meio de comunicação: Nelson da Silva Junior se destaca entre os autores brasileiros quando trava uma conversa com vários colegas que residem por perto: devemos segui-lo! E a melhor forma de aprender a fazê-lo é mergulhar neste seu belo relato, nesta importante e sábia contribuição.

Daniel Delouya
 Psicanalista pela Sociedade Brasileira de
 Psicanálise de São Paulo. Prof. Dr. do
 Programa de Pós-graduação da Universidade
 São Marcos.
 Rua Capote Valente, 439/104 – Pinheiros
 05409-001 – São Paulo – SP
 Tel.: 11 3063-0018
 delouya@terra.com.br